

VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
III Encontro Luso - Brasileiro de Estudos do Consumo
I Encontro Latino - Americano de Estudos do Consumo

Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei

24, 25 e 26 de setembro de 2014

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc - Rio)

Felipe da Luz Colomé¹
Ricardo Mayer²

**As Gramáticas do Consumo no
Sul do Brasil: Consumerismo e a Ética do Cuidado**

O presente artigo é parte de um estudo que abordou a emergência do consumerismo no sul do Brasil. No cenário contemporâneo, o consumerismo é compreendido como um fenômeno heterogêneo e multifacetado que é utilizado para materializar concepções morais e visões de mundo a partir de posições críticas em relação ao consumo. Deste modo, o objetivo de nosso estudo foi investigar este fenômeno na região sul do Brasil, tendo por base as práticas de consumo alternativo desenvolvidas no âmbito da economia solidária. Através dos aportes de Sassateli (2006), e Boltanski e Thévenot (1991) foi possível problematizar a temática do consumo alternativo questionando quais os valores que justificam as escolhas dos agentes em mercados alternativos. Com base nestes pressupostos, na pesquisa de campo, desenvolvida na feira de economia solidária de Santa Maria, RS, Brasil, foi possível identificar a configuração de uma gramática do consumo ancorada em um tríplice registro axiológico, qual seja: uma ética do cuidado, uma ética da autenticidade e uma ética da solidariedade. Para os fins deste artigo focalizaremos a discussão sobre as motivações e justificações que remetem à constituição do que pode ser compreendida como uma ética do cuidado, ancorada preferencialmente nos vínculos de pertencimento comunitários com ênfase nas solidariedades estabelecidas no grupo familiar, teorizada a partir da crítica à noção de ética do cuidado. Esta ética refere-se à prevalência das motivações e de argumentos alicerçados em uma moral que privilegia o cuidado em relação aos membros da comunidade doméstica. Portanto, aqui trata-se de uma eticidade que é direcionada principalmente pela valorização das relações que dizem respeito às sociabilidades primárias.

Palavras-chave: consumerismo; gramáticas; ética do cuidado.

1 Mestre em Ciências Sociais e Doutorando em Sociologia na UFRGS.

2 Doutor em Sociologia e Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM.

1 – Introdução

Na contemporaneidade diferentes discursos e iniciativas em torno do consumo, com destaque para a alimentação, podem ser localizados ao redor do globo. Iniciativas como as de Comércio Justo, de *Slow Food*, de alimentação orgânica, de eco-rotulagem, de campanhas para o consumo crítico, consciente ou responsável e suas variantes, abrigam em seus discursos a compreensão das práticas de consumo³ como espaços para a expressão de distintos valores, moralidades e manifestação de posições políticas. As iniciativas de Comércio Justo, por exemplo, postulam que o consumo pode abrigar posições morais e políticas, em apoio à produção, principalmente, de produtos agro-alimentares cultivados nos países periféricos ensejando, assim, relações de comércio mais justas (GENDRON *ET AL*, 2006; GOODMAN, 2004; LE VELLY, 2004). Já o movimento *Slow Food* busca politizar as práticas alimentares resgatando as tradições gastronômicas locais em oposição à padronização das práticas de consumo de *Fast Food*.

Nestes termos, vários autores⁴ têm evidenciado em suas análises sobre o fenômeno conceituado como consumerismo, o grande leque de motivações pelas quais os indivíduos podem se engajar nas práticas consideradas de consumo alternativo. A perspectiva aqui utilizada compreende sociologicamente o consumerismo em sua acepção positiva, como um fenômeno social que materializa concepções morais e visões de mundo a partir de uma posição crítica em relação ao consumo⁵. Com efeito, para os fins deste estudo, o consumerismo será compreendido através da ótica de Sassatelli (2006), ou seja, um conjunto de discursos heterogêneos suscetível de justificar as práticas de consumo de potenciais agentes políticos e morais

Portanto, o fenômeno em questão pode ir muito além de uma perspectiva de um engajamento restrito à esfera política, pois a mudança de práticas e hábitos de consumo implica também na mudança de estilos e modos de vida. Em virtude disso, este fenômeno está atrelado a uma miríade de motivações, as quais incluem questões ligadas a crenças e religiosidade, questões éticas e morais, ideologias e cosmovisões. É nesse sentido que a emergência do fenômeno do consumerismo na atualidade expressa, em suas diferentes iniciativas, motivações diversas daquelas relacionadas aos protestos e boicotes utilizados principalmente por trabalhadores na Europa e América do norte no século XIX.

Assim, longe de tratar-se de um fenômeno homogêneo e facilmente observável, ele tem sido enfatizado como um fenômeno heterogêneo e heteróclito. Neste sentido, autores como Sassatelli (2006; 2007) consideram que especialmente após a realização de protestos contra a organização mundial do comércio em Seattle no ano de 1999, que funcionou como uma espécie de catalisador de movimentos preocupados com o

3 Ao tratar a questão em termos de *práticas* de consumo, privilegiamos uma abordagem relacional em torno do fenômeno do consumo de modo a evitar perspectivas que, inadvertidamente, substancializam o fenômeno ao constituir sujeitos consubstanciados nas figuras de consumidores e produtores, o que de resto acaba concorrendo para a elisão de dimensões sócio-históricas fundamentais das relações sociais relacionadas a sua natureza conflitiva.

4 Hall (2011); Littler (2009); Thomas (2011); Halkier (1999); Johnston, Szabo e Rodney (2011); Micheletti (2002, 2003); Spaargaren e Oosterveer (2010); Murdoch e Miele (1999); Sassatelli (2006, 2007); Sayer (2003); Sorensen (2005); Wilk (2001), Paterson (2006).

5 Ver Hilton (2003).

“consumo crítico” é possível notar a emergência de “discursos consumeristas” que buscam politizar as práticas diárias de consumo, destacando as práticas de consumo como espaço para expressão de valores, moralidades e posições políticas. Com isso, o crescimento de modelos de consumo “alternativos”, materializadas nas campanhas de boicote a marcas e empresas multinacionais, nas campanhas articuladas pelos movimentos ambientalistas para redução dos níveis de consumo nos países centrais, ou ainda, no aumento da demanda por produtos do comércio justo e da produção de comida orgânica destacariam as possibilidades do consumo para a participação política. Neste âmbito, conforme a autora é possível considerar que estes discursos têm se consolidado como uma sedutora narrativa que destaca a possibilidade de interferência no cenário político e econômico através das escolhas cotidianas de consumo. Assim, as práticas consumeristas, que buscam politizar as relações de consumo, poderiam ser percebidas como ações orientadas a partir de hierarquias axiológicas que informam escolhas sobre o consumo articulando-as com a produção e distribuição de produtos, considerando questões como as que dizem respeito à sustentabilidade das cadeias produtivas.

Partindo destas noções, este artigo tem como objetivo discutir uma face das gramáticas do consumo mobilizadas para justificar discursivamente o engajamento dos frequentadores de uma feira de economia solidária⁶ localizada na cidade de Santa Maria-RS. Desta maneira, a discussão será realizada com vistas a refletir sobre o repertório de justificação⁷ mobilizado por estes atores em seus discursos sobre suas práticas de consumo. Nestes termos, neste trabalho são analisados dados empíricos produzidos através de entrevistas⁸ com consumidores desta feira e observação de suas compras, que fazem parte de um estudo⁹ que buscou investigar como as práticas de consumo desenvolvidas pelos frequentadores da feira focalizada são justificadas por estes atores.

Para isto, foi utilizado o conceito de gramática¹⁰ teorizado por Boltanski e Thévenot (1991) e Lemieux (2009). Esta noção, refere-se à ideia da existência de um conjunto de regras, que se assemelha à uma gramática, que permite aos atores fazerem convergir os seus julgamentos e ações partindo de sua experiência(s) e sua relação a ela (s). Portanto, a noção de gramática foi utilizada para dar conta dos valores que informam e dão base para as justificações dos atores sobre as suas práticas de consumo na feira

6 Esta feira que acontece todos os sábados no centro de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheister, é considerada uma feira de referência nacional em projetos de Economia Solidária. Contando com a participação de aproximadamente 230 empreendimentos solidários organizados em grupos de produtores de mais de 10 municípios da região central do Rio Grande do Sul.

7 Partindo da noção de ordens de justificação (BOLTANSKI e THÉVENOT, 1991), as práticas de consumo na feira em questão são desempenhadas pelos seus atores com base em repertórios de justificações que podem ser pensadas em termos de diferentes éticas que orientam tais práticas.

8 Durante a realização do trabalho de campo, efetuado no período que iniciou em março de 2011 e foi finalizado em novembro de 2012, 13 consumidores foram entrevistados, sendo definido este contingente através da técnica de saturação de dados. As entrevistas semi estruturadas captadas por meio de gravador digital de voz, foram transcritas de forma integral, e posteriormente tratadas com a técnica de análise de conteúdo de tipo categorial (não apriorística), seguindo a abordagem de Bardin (2011).

9 Colomé (2013).

10 Outros autores já se valeram da noção de gramática para suas teorizações: por exemplo, Ferdinand Braudel a utilizou em sua “Gramática das civilizações” (2004), bem como Axel Honneth (2003), também recorreu a este conceito para analisar, contemporaneamente, as lutas por reconhecimento como uma nova gramática moral do conflito social.

observada. Neste sentido, as gramáticas do consumo mobilizadas pelos consumidores da feira, materializaram-se na forma de três éticas principais, a ética do cuidado, a ética da solidariedade e ética da autenticidade, sendo a primeira o objeto do presente artigo.

Desta forma, no que segue realizaremos a discussão sobre as motivações e justificações que remetem à constituição do que pode ser compreendida como uma ética do cuidado, ancorada preferencialmente nos vínculos de pertencimento comunitários com ênfase nas solidariedades estabelecidas no grupo familiar, teorizada a partir da crítica à noção de ética do cuidado de C. Gilligan (1997). Conforme será discutido, esta ética refere-se à prevalência das motivações e de argumentos alicerçados em uma moral que privilegia o cuidado em relação aos membros da comunidade doméstica. Portanto, aqui trata-se de uma eticidade que é direcionada principalmente pela valorização das relações que dizem respeito às sociabilidades primárias

2- Consumerismo e a ética do cuidado

Partindo da noção de ordens de justificação (BOLTANSKI e THÉVENOT, 1991), as práticas de consumo na feira em questão são desempenhadas pelos seus atores com base em justificações que podem ser pensadas em termos de diferentes éticas que perpassam tais práticas. Desta forma, a utilização de argumentos ético-valorativos nos discursos desses atores evidencia a constituição de uma gramática comum, compartilhada pelos participantes da feira, apontando para a valorização de aspectos relativos ao cuidado, ao bem estar das suas famílias. Assim, a preocupação com os alimentos oferecidos às famílias indicaria principalmente a mobilização de uma ética do cuidado, materializada na busca por alimentos saudáveis e suas relações com diferentes discursos sobre a natureza dos alimentos, suas origens, qualidades, perigos e benefícios à saúde e bem estar familiar. Neste sentido, o conceito de ética do cuidado é aqui pensado como uma estrutura ou quadro normativo que perpassa e é materializado nas práticas de consumo observadas e referidas, que ao seu turno são compreendidas como meios de expressão de obrigações morais e éticas (SASSATELI, 2006; HALL, 2011).

A noção contemporânea de ética do cuidado pode ser considerada a partir da crítica de Carol Gilligan (1997) em relação à teoria da psicogênese da moralidade elaborada por Lawrence Kohlberg. Com efeito, Gilligan (1997) ao questionar os resultados enviesados pelo gênero das investigações de Kohlberg acerca do desenvolvimento da moralidade, propõe para melhor contemplar as especificidades da construção do juízo moral das mulheres, aquilo que ela designará como “uma voz diferente”. Ou seja, a perspectiva moral caracterizada pela prevalência de noções abstratas, tais como, universalismo, justiça, razão e autonomia identificada por Kohlberg como aspectos característicos de uma moralidade pós-convencional, passaria ao largo de aspectos mais contextuais e relacionais, tais como, o cuidado, a solicitude e a preservação dos vínculos afetivos que, por seu turno, seriam melhor ponderados pelas mulheres do ponto de vista da definição de seu julgamento moral.

No entanto, ao tempo em que destacava a preponderância das dimensões empáticas e emocionais no tocante

à construção do juízo moral das mulheres, a abordagem de C. Gilligan também foi objeto de duras críticas, deflagradas especialmente por autores situados no campo da teoria política feminista (TRONTO, 2009, 2011; DORLIN, 2011; FRIEDMAN, 2011; HABER, 2011; GARRAU, 2012). De um modo geral, as críticas endereçadas ao trabalho de Gilligan, destacam que suas conclusões concorrem para a naturalização de uma psicologia feminina. Ademais, sua concepção acerca de uma ética feminina endossaria o entendimento segundo o qual a diferença sexual estabeleceria as condições de possibilidade da experiência moral das mulheres. Com efeito, a vinculação de uma ética do cuidado à uma disposição de gênero feminina desconsideraria as relações de poder entre os sexos, bem como a dominação masculina, consagrando dessa forma uma moralidade decorrente de um estatuto subalterno.

Não obstante, para efeito da discussão aqui realizada, podemos compreender melhor a ética do cuidado a partir de sua problematização por Joan Tronto (2009, 2011). Partindo de uma reflexão ancorada na teoria política, Tronto rejeita a oposição simplista entre uma eticidade abstrata caracterizada pela persecução de ideais de justiça (imparcial, impessoal e universalista) e uma eticidade concreta caracterizada pelo primado do cuidado, do zelo e da solicitude (contextual, pessoal e particularista). Para Tronto (2009), é necessário reconfigurar o conceito de justiça de maneira que as questões inicialmente propostas pelo trabalho de Gilligan (1997) possam ser incorporadas sob uma perspectiva sociológica. Nesse sentido, as atividades contempladas pela noção “*care*” presumem tudo que possa se relacionar ao cuidado, ou seja, cuidar de algo pressupõe o reconhecimento daquilo que necessita ser cuidado, bem como a obrigação moral da responsabilização em relação ao que deve ser cuidado. Ao buscar dar suporte sociológico para a análise das práticas sociais relacionadas ao cuidado (*care*) Tronto (2009), também se recorre ao argumento empírico de que existe, historicamente, uma relação circular entre a desvalorização e/ou invisibilidade social das práticas relacionadas ao cuidado e a opressão daqueles grupos sociais tradicionalmente dedicados às funções que asseguram a subsistência e a reprodução social na esfera doméstica.

Mas, para além deste aporte teórico de Joan Tronto que subsidia a reflexão crítica no âmbito da teoria política feminista, caberia ainda considerar, tendo em vista as condições de possibilidade de uma gramática moral perfilada pela noção de cuidado, a preponderância de uma eticidade concreta no âmbito das sociabilidades primárias, um contexto social de natureza comunitária, no qual a hierarquia valorativa será primada, tendencialmente, por um acento familístico, pessoalizado e particularista ou, dito de outro modo, por uma moralidade, cujas ações serão hierarquizadas valorativamente a partir das noções que caracterizam uma ética do cuidado.

Assim, as práticas de consumo, entendidas em sentido plural, enquanto atividades rotinizadas, que são articuladas através de nexos¹¹ (WARDE, 2005), são descritas por Hilton (2003), Sassatelli (2007) e Clarke *et al.* (2008) como atividades que estão vinculadas historicamente com noções de moralidade e ética. Portanto,

11 Conforme Warde (2005) as práticas consistem tanto em “fazer” e “dizer”, que sugerem que a análise deve ser relacionada tanto com a atividade prática e suas representações. Assim, sua teorização considera a representação útil dos componentes que formam um "nexo", que seria o meio através do qual ações e palavras se juntam e podem ser ditas e coordenadas.

não constitui-se uma novidade que as atividades de abastecimento e consumo rotineiras estejam impregnadas de sentido ético sobre como cuidar da família, sobre as múltiplas conexões entre as compras e persecução de determinados comportamentos e condutas. Com efeito, os novos desdobramentos evidenciados pelos estudos já mencionados sobre o consumerismo, em suas variações, têm aprofundado as discussões acerca dos componentes valorativos que estão impregnados nas mais prosaicas atividades de consumo. Assim, as compras de alimentos para as famílias, sempre estiveram pautadas por determinadas concepções e visões de mundo, nos diferentes contextos sociais. Conforme Micheletti (2003), a obrigação moral, de abastecimento e manutenção das necessidades familiares constitui-se como um fato histórico que têm mobilizado mulheres a transcender os espaços aparentemente privados, em suas reivindicações por alimentos mais saudáveis e diversificados para suas famílias.

Contemporaneamente, com a ascensão de diversos discursos e iniciativas como o consumerismo ético, propostas de comércio justo, *slow food* e movimentos de economia solidária, que buscam politizar as relações de consumo, pautando-as a partir de diferentes valores e compreensões sobre suas relações com aspectos sociais, ambientais e políticos, tem-se enfatizado o caráter ético-moral destas relações na medida em que expressam em suas diretrizes conceitos sobre justiça, equidade e poder. Neste sentido, a proeminência de tais propostas, revela que o consumo, nas palavras de Wilk (2001) é em essência uma questão moral¹². Em efeito, o consumerismo enquanto um movimento multi-facetado parece evidenciar mais ainda esta noção, visto que entre seus principais objetivos, busca redefinir modos e padrões de consumo através de posições moralmente sustentadas.

Parte destas iniciativas também podem ser pensadas em relação ao que Kjaernes *et al.* (2006) consideram a ascensão de novos vocabulários sobre a comida, que emergiram principalmente a partir da década de 1990, baseados na dicotomia entre boa e má, exemplificada na comida industrializada, principalmente o *fast-food*, percebida como perigosa, assim como nos alimentos geneticamente modificados e os produzidos com agrotóxicos. Do outro lado, a comida considerada natural, ou “super natural” como os provenientes da produção orgânica e o *slow food*, são percebidos como saudáveis. Assim, partindo do contexto europeu, estes autores consideram a emergência de novas sensibilidades e moralidades sobre a alimentação.

Em perspectiva semelhante, autores como Johnston *et al.* (2011); Clarke *et al.* (2008), Muchnik (2006), Sassatelli (2004, 2006), Hall (2011) indicam que estas práticas têm sido consideradas como locais nos quais seus agentes podem expressar valores e éticas cotidianamente. Portanto, através das práticas corriqueiras de consumo estes atores poderiam mobilizar e trabalhar temas sobre responsabilidade, obrigação, identidade, e cuidado em relação às pessoas e o meio ambiente, bem como atentando para as relações sócio econômicas vigentes. Tais estudos apontam para a constituição de moralidades e éticas que dão sustentação discursiva

12 De acordo com o autor, as questões morais suscitadas pelo consumo, “têm uma natureza dupla (pelo menos), pois são ambas baseadas na experiência humana comum, a "razão prática", e, ao mesmo tempo, são parte do discurso público sobre a moralidade, um discurso que tem um contexto cultural, simbólico e político, mais amplo” (2001, p.255).

para os engajamentos dos consumidores nestas práticas, bem como oferecem argumentos para sua manutenção.

Com base nesta ótica, bem como dos enfoques sobre os componentes morais inerentes ao consumo, os discursos dos consumidores da feira de economia solidária de Santa Maria entrevistados expressam de diversas formas uma preocupação com o cuidado com a saúde de seus familiares nas compras de alimentos no local:

“A primeira motivação é a questão médica, o médico da minha esposa recomendou comprar tomate de um produtor daqui porque ele não usa agrotóxico...então eu vim na feira para comprar esse tomate...e tomei por hábito vir aqui na feira...” (Consumidor C1).

“Eu sempre tive interesse em produtos naturais, procuro comprar bastante coisas assim, como eu trabalho, o meu pai e minha mãe são pessoas de idade, então a alimentação deles tem que ser controlada, e a gente tem o hábito de comer bastante legumes, frutas, verduras, e foi um dos motivos também que eu frequento a feira. E cuido bastante da alimentação né, que eu acho que é básico! E as refeições é o café da manhã e às 10:30 eles comem um lanche, uma fruta alguma coisa, ao meio dia o almoço. Eu procuro fazer assim, um almoço bem saudável com coisas boas para eles comerem, à meia tarde também eles fazem um lanche e a noite eles fazem lanche também! A gente não tem o hábito de janta, para o pai é que as vezes eu reservo um pouquinho de arroz, um pedacinho de carne, feijão, uma couve assim né, que ele gosta mais né, eu até prefiro (...) conversei com o médico dele que eu acho mais saudável do que dar pão e o pai não come duas fatias, ele quer mais, embora ele coma pão de centeio, ou integral, pão light, eu acho que o pão é mais pesado, e eu dou cedo também né, pra ele a gente procura dar cedo né?...” (Consumidor C10).

Estes depoimentos expressam uma preocupação com a alimentação dos familiares, principalmente no que toca à busca de uma alimentação baseada no consumo de produtos considerados naturais e livres de agrotóxicos. Esta preocupação é compartilhada por todos os entrevistados, que de diferentes formas consideram que suas escolhas na feira estão orientadas pela busca de produtos que beneficiem a sua saúde e de suas famílias. Desta forma, a ideia de cuidado com a alimentação é destacada pelos entrevistados como uma das motivações principais para frequentar a feira em questão:

“E o que me motivou é a procura dos produtos sem agrotóxicos, produto mais natural, assim, essa foi a principal motivação, além do preço, mas o principal é o lado, é livre de agrotóxicos.” (Consumidor C9).

“Ah eu conheci quando já cheguei aqui no bairro não é, a gente costuma comprar

hortaliças, verduras, então aqui tem uma variedade melhor, então logo que a gente chegou aqui, já soube da feira e todos os sábados a gente vai à feira, compra basicamente essas coisas mais saudáveis que tem em relação ao mercado que são verduras, hortaliças, tomates, essas coisas.” (Consumidor C11).

“A motivação principal é que toda a minha família, as minhas irmãs, elas sempre tiveram um contato maior com a natureza porque elas se criaram para fora, elas sempre, sempre, é uma coisa já de família de procurar os produtos mais naturais. Isso é uma questão familiar da procura por esse tipo de alimentos, esse tipo de produtos.” (Consumidor C5).

A motivação destacada por estes consumidores evidencia o grande peso que a busca por produtos considerados saudáveis para suas famílias exerce nas suas práticas de consumo. Neste sentido, esta preocupação e cuidado com a saúde têm sido diagnosticada por estudos¹³ como uma questão motivadora para a frequência em feiras no cenário brasileiro, principalmente de orgânicos. Apesar da feira em questão não se tratar de uma feira de orgânicos e não exista na feira em questão uma identificação dos produtos considerados “orgânicos”, ela parece atrair seus frequentadores por razões semelhantes. Desta forma, estas tendências parecem estar presentes nos discursos analisados, que fazem parte da estrutura normativa da ética do cuidado. Esta estrutura, composta por diferentes noções, como as já citadas, alimentação ou alimentos naturais, busca pela saúde e bem estar estão relacionadas com outras noções e imaginários, como a natureza, tipo de produção, contexto rural e pureza, que por sua vez também estão ligadas à uma ética da autenticidade e da solidariedade.

As duas noções mais destacadas da ética do cuidado, que versam sobre a família e o consumo de alimentos considerados naturais, podem ser percebidas em conexão com o desenvolvimento moderno que toca à produção de alimentos, que têm se estabelecido globalmente. Neste sentido, apesar das diferenças que podem ser observadas em contextos distintos, como o brasileiro e europeu, diversos autores têm identificado que as preocupações e cuidados em torno da alimentação familiar, apresentam certos traços em comum, como é o caso da percepção do risco proveniente das práticas da agricultura moderna, principalmente depois da chamada revolução verde¹⁴. Desta forma, como indicam os trabalhos de Menasche (2004), Portilho (2009), Guivant (2002), Barbosa (2009), as questões relativas à preocupação com a saúde ligadas à percepção sobre o consumo alimentar no Brasil, podem ser compreendidas como parte de um processo contemporâneo, pelo qual a segurança dos alimentos têm sido uma preocupação cada vez mais forte na vida dos indivíduos e suas famílias.

Sob esta ótica, as práticas de consumo focalizadas no presente estudo parecem se aproximar em alguma instância dos achados destes autores. Em virtude disso, as demandas dos consumidores da feira por produtos

13 Como é o caso do estudo realizado por Portilho (2009).

14 A revolução verde refere-se à transformação das técnicas agrícolas, a partir da mecanização e ampla utilização de fertilizantes e pesticidas, que ocorreu a partir da década de 1950, primeiramente na América do Norte e Europa.

“naturais” e “saudáveis” parecem compor um lugar importante em suas justificações, fazendo parte fundamental de suas gramáticas de consumo. Tal fato pode apontar para um fenômeno descrito por autores como Murdoch e Miele (1999) como a emergência de preocupações com a variedade e segurança dos alimentos, neste sentido os alimentos percebidos como “naturais” tendem a ser vistos pelos consumidores como tendo um padrão mais elevado do que os alimentos industrializados. Assim, os alimentos considerados “naturais” passariam a ser pensados como contendo salvaguardas da natureza contra as doenças e a falta de saúde. Ao contrário, a comida padronizada, passaria a ser percebida como “não natural” e artificial.

No contexto brasileiro, para Menasche (2010) - que investigou as práticas de consumo desenvolvidas na região sul do país, na cidade de Porto Alegre - a dicotomia expressada nas falas de seus entrevistados entre a valorização do natural construída em contraposição à artificial, termo que é atribuído aos alimentos industrializados, parece indicar que este fenômeno de valorização dos alimentos locais, artesanais, constitui-se como um processo mais amplo, que teria suas bases assentadas na conservação de hábitos alimentares considerados tradicionais em face ao avanço de formas de alimentação consideradas como não-autênticas. Assim, de acordo com a autora, os alimentos percebidos como naturais, não seriam apenas o de melhor gosto. Em uma oposição ao alimento industrializado, os alimentos “naturais” seriam percebidos como puros e, dessa maneira, saudáveis. Neste sentido, os adjetivos relacionados ao natural seriam atribuídos aos alimentos considerados como frescos, ou aqueles provenientes de feiras (nunca dos supermercados), ou aos orgânicos e ainda aos “trazidos de fora”. De fora seriam os alimentos que vêm do interior, do meio rural, cuja origem é associada diretamente ao produtor (p.205). Além disso, Menasche (2004; 2010) considera que a contraposição dos alimentos considerados “naturais” frente aos industrializados pode também ser percebida como um fenômeno de valorização dos alimentos locais e artesanais, pois eles encarnariam imaginários sociais sobre o mundo rural, conectando este contexto à noção de alimentos “puros” e “autênticos”.

Na ótica de Halkier e Holm (2008, p.667) na área referente às políticas alimentares¹⁵, o consumidor tem sido cada vez mais convocado a assumir a responsabilidade por vários tipos de questões envolvendo os alimentos, como os relativos à sua segurança, melhorias nas condições ambientais, sobre questões éticas e nutrição. Um exemplo disso foi o caso da “encefalopatia bovina espongiforme” (BSE), popularmente conhecida como a “doença da vaca louca”, que causou uma crise política na União Europeia sobre a segurança dos alimentos, que focalizou especificamente na necessidade de um envolvimento ativo dos consumidores. Esta crise ganhou repercussão mundial, fazendo emergir uma forte consciência acerca do risco, abalando a confiança pública nas instituições políticas e científicas. Em conjunto com a eclosão de outros escândalos alimentares, como a febre aftosa, a gripe suína, e ainda o advento dos organismos geneticamente modificados no início da década de 90, a alimentação deixou de ser uma questão restrita¹⁶ aos

15 No original *Food policies*.

16 Conforme Portilho *et al.* (2011) a ampliação deste debate também é sentido na grande mídia, que tem focalizado este assunto em suas pautas (PORTILHO *et al.* 2011, p.100).

círculos de debate entre especialistas e instituições que definiam as políticas de segurança alimentar e nutricional. Outro ponto que tem sido destacado fora dos círculos de especialistas, é o caso da utilização de agrotóxicos e seus resíduos nos alimentos, principalmente os pesticidas. Neste sentido, o crescimento da demanda por produtos considerados orgânicos, tem sido impulsionado pela preocupação crescente com a saúde, como evidenciam pesquisas realizadas no contexto brasileiro¹⁷.

Desta forma, a percepção sobre os riscos ligados ao consumo de alimentos no Brasil, não obstante as controvérsias científicas que muitas vezes desnorteiam os chamados “leigos”, categoria em que se enquadram os consumidores em sua maioria, a percepção acerca dos riscos¹⁸ provenientes da utilização de agrotóxicos é um traço em comum aos consumidores entrevistados. Assim, no caso deste público específico, parece não haver dúvidas em relação aos potenciais riscos à saúde de suas famílias causados pela utilização de agrotóxicos. Os depoimentos destacados anteriormente evidenciam este fato. Em virtude disso, a busca por alimentos considerados naturais foi um dos argumentos mais destacados nas falas dos entrevistados. Esta noção de alimentação natural é colocada em oposição aos alimentos cultivados com uso de pesticidas, conservantes no caso de alimentos processados de origem animal e industrializados de forma geral:

“Por que a gente sabe que mesmo que um produtor industrial uma indústria, tenha uma boa intenção. Um supermercado não compraria um produto para colocar na prateleira se durasse uma semana. Porque senão se ele não vende em uma semana ele vai perder o produto. Então o mercado ele quer comprar um produto que tenha uma longevidade maior. Então a indústria, ele se obriga a colocar um produto na prateleira e que dure tempo, para o produto durar tempo, um salame lá que nós penduramos num supermercado que tenha um amparo validade de um ano ou mais ou seis meses, ou produtos que duram um ano ou mais, eles tem que ter embutido nele ali, um conservante. E nós sabemos que nem todos os conservantes, a grande maioria faz mal para a saúde, alguns são cancerígenos como o conservante dos embutidos. Então é isso que nos leva a consumir (...) zelar por aquilo que é mais natural.” (Consumidor C5)

“Seria por essa questão de produtos naturais. É melhor consumir os produtos naturais do que outros sei eu lá, industrializados, a gente nota a diferença, no gosto, no sabor assim...nas hortaliças, verduras, essas aí a gente percebe, sente o gosto, sente o cheiro até do produto, por exemplo, um pé de alface e que é plantado em um adubo orgânico ele tem o cheiro, o sabor diferente, agora por exemplo alface, e outras a radite e outras coisas que eles usam o adubo químico ele chega até estar amargo e não tem aquele sabor assim de dizer isso é natural, o tomate é a mesma coisa, eu gosto de quando eu vou na feira e pegar um pé de alface e cheirar, o

17 Barbosa (2009), Guivant (2002), Castañeda (2010), Portilho (2009).

18 Guivant (2002).

tomate é a mesma coisa não sei se tu já experimentou o tomate que é cultivado em adubo químico e adubo orgânico ele tem o cheiro bem diferente e o gosto bem diferente.”(Consumidora C4).

Em efeito, este relato pode ser pensado a partir de um primeiro aspecto que toca à saúde e ao cuidado com a alimentação. Conforme Guivant (2002), a flexibilidade mais ampla sobre a saúde e a qualidade de vida tem emergido mesmo com a falta de acordo no meio científico sobre os riscos alimentares. Este fato carrega em si mesmo um paradoxo, visto que de acordo com a autora esta falta de consenso acaba por impulsionar mais ainda esta flexibilidade ampliada¹⁹. Assim, as informações acessadas pelo público leigo, sujeitas a variações contínuas na produção do conhecimento científico sobre a relação entre a alimentação e a saúde, acabam por gerar incertezas não somente quanto aos alimentos, mas também sobre a confiabilidade das próprias informações científicas e das instituições que as emitem.

Desta forma, a preocupação evidenciada nos relatos, com a relação da saúde e dos alimentos parece apontar nesta direção. Em virtude disso, a consideração por parte dos entrevistados sobre os riscos potenciais do consumo de agrotóxicos nos alimentos para suas famílias perpassa a maioria dos discursos. Com efeito, a constituição de cuidado com a saúde da família, expressos na busca por alimentos saudáveis, nas palavras de Sayer (2003) vai bem além de uma lógica individualista, denotando a ida às compras de forma relacional:

How far shopping is directed towards others, particularly family members, and how far it is guided by moral sentiments towards them and about how to live. Far from being individualistic, self-indulgent, and narcissistic, much shopping is based on relationships, indeed on love. It often involves considerable thoughtfulness about the particular desires and needs of others, though it may also reflect the aspirations which the shopper has for them, thereby functioning as a way of influencing them. (SAYER, 2003, p. 353)²⁰

Assim, conforme foi aludido, as compras na feira, a partir do relato e observação dos consumidores, indicam que estas podem ser pensadas a partir do escopo oferecido por Miller (2002) como ações estruturadas a partir da prevalência da eticidade concreta das solidariedades primárias. Conforme a teoria proposta pelo autor, o consumo e suas práticas poderiam ser percebidas enquanto atos de devoção e amor. Partindo de sua investigação realizada no norte de Londres, onde acompanhou a rotina de compras cotidianas de moradores do local, o autor sugere que estas atividades corriqueiras são orientadas pelo amor, compreendido como uma ideologia normativa que “se manifesta em larga medida como prática em relacionamentos de longo prazo e não apenas uma visão romântica de um momento idealizado do namoro” (2002, p.33). Desta forma, as práticas de consumo rotineiras são um meio pelo qual seus agentes podem expressar um ritual de abnegação

19 Conforme a autora, esta flexibilidade mais ampla, relaciona-se ao processo pelo qual os consumidores elaboram as informações provenientes do meio científico, assim: “As requentes marchas e contramarchas da pesquisa científica sobre a relação entre alimentos e saúde acaba não só estimulando as incertezas entre o público consumidor como também provocando dúvidas em relação à confiabilidade das próprias informações científicas.” (GUIVANT, 2002, p.91)

20 Tradução livre da citação: “Quão longe o ato de comprar está voltado para os outros, em particular os membros da família, e quão longe está de ser guiado por sentimentos morais em relação a eles e sobre como viver. Longe de ser individualista, auto-indulgente e narcisista, muito do ato de comprar é baseado em relacionamentos, na verdade sobre o amor. Muitas vezes, envolve reflexão considerável sobre os desejos particulares e necessidades dos outros, embora também possa refletir as aspirações que o “cliente” tem para eles, funcionando, assim, como uma forma de influenciá-los.” (SAYER, 2003, p. 353).

e sacrifício.

Em virtude disso, o consumo cotidiano deve ser percebido enquanto uma atividade executada através de balizas morais e éticas. Miller (2002) considera que esses atos prosaicos, em sua maioria, são constituídos de escolhas guiadas moralmente que versam sobre o que as pessoas pensam sobre si mesmas e suas relações com outras pessoas. Assim, de acordo com o autor, as compras rotineiras estão imbricadas diretamente com atos de devoção e preocupação, principalmente com seus familiares. Neste sentido, a compra não pode ser entendida como um ato individualista ou individualizante relacionado à subjetividade do comprador, mas de forma relacional. Para o autor a compra de mercadorias, direciona-se principalmente a partir de duas formas de alteridade. A primeira, expressa uma relação entre o comprador e outro indivíduo em particular, como um parceiro ou uma criança, podendo estar presente no domicílio, ser desejado ou imaginado. Já a segunda, diz respeito a uma relação com um objetivo mais geral “que transcende qualquer utilidade imediata e é mais bem compreendida como cosmológica à medida que assume forma não de sujeito ou de objeto, mas dos valores aos quais as pessoas desejariam se dedicar.” (p.27).

Em efeito, conforme os relatos já destacados, a motivação de cuidado e devoção para com a família se faz presente como um ponto central de suas falas. As preocupações com a saúde e perigos dos agrotóxicos e outras substâncias consideradas potencialmente nocivas, quase sempre aparecem em relação à família. Assim, quando questionadas sobre suas motivações para as compras, realizadas em busca da saúde, as respostas em sua maioria mencionavam filhos ou companheiros, indicando a preocupação com o seu bem estar, em oferecer opções saudáveis para suas famílias:

“E a gente procura fazer essa alimentação natural até para passar para os nossos filhos e netos, não é (...) O exemplo, porque se tu me perguntar se eles aceitam (consumo de alimentos crus), eles dizem que não, porque a gente tá ficando velho, caduco ou louco né. Come assim, mais quando tu vê que eles, uma neta por exemplo vai e pede para comer também assim. Ai tu sente que tá passando né, é muito devagar, é muito lento, mais eles ficam (...) O exemplo, o exemplo é fundamental, eu pego um brócolis, digo: o vô vai comer, claro um brócolis cozido né, o vô vai comer uma árvore olha aqui oh! o vô é gigante, e elas também querem comer a árvore que o vô come né. Então a gente nota, por pequena que seja assim o que vai acontecer depois, mas já vale a pena. E a gente nota na saúde direto né.(Consumidor C7).

“E eu me importo, me preocupo muito com isso ai, sabe com a saúde, botar na mesa uma coisa mais de qualidade, alimentos mais de qualidade, sem veneno, sabe com saúde, botar na mesa uma coisa de qualidade, alimentos de qualidade para a família (..) eles (filhos e esposo) gostam tudo o que eu trago da feira, repolho, inclusive hoje ao meio dia eu fiz um repolho que eu trouxe no sábado passado! Repolho ou brócolis eles gostam do jeito assim que eu faço, refogado sabe?

Tempero verde não pode faltar! A salada de alface eu sempre faço sabe, uma salada de, é um misto de folhas verdes. Que eu digo né, daí eu coloco rúcula, a radite, alface sabe? A salada de beterraba também a gente consome bastante!”
(consumidor C8).

Deste modo, o conjunto de valores que subjaz a estas práticas, está quase sempre relacionado a uma estrutura normativa que têm uma de suas bases constituídas a partir da ideia de uma ética do cuidado. Nestes termos, o entendimento de que a efetivação das compras realizadas pelos atores em questão aproxima-se muito do que Miller (2002) sustenta, em um contexto tão diferenciado do brasileiro, indica que estas práticas têm sido utilizadas para expressão de atenção e preocupação em diferentes sociedades. Assim, o consumo tem sido um meio pelo qual as pessoas expressam suas obrigações morais, prevalecendo principalmente no âmbito das solidariedades primárias.

Em consonância com esta perspectiva, Clarke *et al* (2008), que investigaram os espaços e as éticas que perpassam a alimentação orgânica, destacam que as oportunidades práticas e materiais que estes espaços oferecem aos consumidores vão bem além dos seus princípios abstratos e suas possíveis consequências. Em vez disso, as decisões de participar destas práticas de consumo estão conectadas à motivação ética que versam sobre importância das relações cotidianas de cuidado. Assim, quando estes atores falam sobre as “éticas do consumo”, elas predominantemente estão a se referir às éticas que envolvem o cuidado com a família, sobre o valor e o gosto, conectando os cuidados com a saúde às suas escolhas diárias (p.224). Desta maneira, conforme os autores, estas éticas parecem mobilizar estes atores em um sentido diferente de uma grande estrutura ideológica e normativa, e mais na direção de uma estrutura normativa que refere-se diretamente à maneira como as pessoas realizam suas atividades corriqueiras, mobilizadas por questões como “Que tipo de pessoa eu me esforço para ser?” (p.225). Portanto, de acordo com os autores, as práticas de consumo alternativo, como é o caso das práticas de consumo de alimentos orgânicos por eles estudadas, configuram-se como espaços utilizados para pensar “éticas do cotidiano” expressas na preocupação e cuidado com a alimentação familiar.

Neste mesmo sentido, Barnett *et al.*(2005), salientam a importância das práticas de consumo enquanto atividades corriqueiras de elaboração e construção do *self*, principalmente em relação as pessoas a sua volta. Desta forma, levando-se em conta o aspecto mediador do consumo como práticas que permitem não só a construção identitária, mas são inerentemente relacionadas a um grupo de competências éticas aprendidas:

This observation underscores the importance of taking account of the concerns that motivate ordinary consumption practices. Rather than thinking of ‘ethical consumption’ being set-off against ‘unethical’ consumption, we might do better to recognise the forms of ethical concern always embedded in consumption practices. If ‘ethical’ is taken, in a Foucauldian sense, to refer to the activity of constructing a life by negotiating practical choices about personal conduct, then the very basics of routine consumption – a concern for value for money, quality, and so on - can be understood to presuppose a set of specific learned ethical competencies. These competencies make up what one

Seguindo este entendimento, acerca da constituição das práticas de consumo enquanto atividades rotinizadas que possibilitam o exercício de competências éticas, os discursos dos atores observados sobre suas práticas e justificações marcados pela ética do cuidado, evidenciam que esta estrutura normativa também é intrincada pela articulação de pressupostos morais relativos à auto-reflexão sobre os pressupostos da conduta individual. Assim, as decisões diárias que cercam o consumo, principalmente no que toca aos cuidados, por exemplo, dos pais com a alimentação dos filhos, ou ainda, entre os cônjuges, estão sempre embebidas em determinadas balizas éticas configuradas socialmente, que expressam determinadas cosmologias. Deste modo, como é igualmente destacado por Miller (2002), os discursos sobre as compras carregam os valores e éticas às quais as pessoas desejariam se dedicar.

3 – Considerações finais

Conforme foi discutido ao longo deste trabalho, em nossa análise das práticas de consumo dos frequentadores de uma feira de economia solidária localizada no sul do Brasil evidenciamos que suas escolhas são plasmadas por uma racionalidade axiológica que é orientada a partir de uma gramática da ação articulada em uma de suas faces pela ética do cuidado. Desta maneira, partindo das noções de justificação de Boltanski e Thévenot (1991), e de gramáticas que sustentam os discursos consumeristas, problematizamos a composição das gramáticas de consumo mobilizadas pelos consumidores da feira em questão. Conforme foi destacado, a discussão sobre ética do cuidado, realizada a partir da problematização da noção de ética do cuidado de C. Gilligan evidenciou que nas práticas de consumo desenvolvidas no ambiente da feira, a noção de cuidado perpassa as justificações dos seus frequentadores. Com efeito, a mobilização em torno da ideia de cuidado e preocupação, que prevalece principalmente no âmbito das solidariedades primárias, constitui-se como uma das justificações que moldam a ética do cuidado. Assim, as demandas por alimentos considerados “naturais” e a preocupação com a saúde é marcadamente direcionada aos cuidados familiares.

Portanto a mobilização de uma ética do cuidado faz referência principalmente à valorização da noção de cuidado e preocupação com a saúde e bem estar familiar. Em virtude disso, a conformação da ética do cuidado revelou-se uma gramática relevante para a justificação e engajamento nas práticas de consumo na feira em questão, marcada pela preponderância de uma eticidade concreta na esfera das sociabilidades primárias. Assim, as justificações relativas às preocupações com a saúde e bem estar dos membros familiares estiveram presentes na maioria das falas dos entrevistados, denotando a expressão e materialização das compras de alimentos de forma relacional (SAYER, 2003). Neste sentido, os cuidados e

21 Tradução livre da citação: “Esta observação reforça a importância de levar em conta as preocupações que motivam práticas de consumo comuns. Ao invés de pensar sobre o "consumo ético" ser um começo contra o consumo de 'antiético', podemos fazer melhor reconhecendo as formas de preocupação ética sempre embebidas nas práticas de consumo. Se "ético" é tomado, no sentido foucaultiano, para referir-se a atividade de construção de uma vida através de práticas de escolha negociadas sobre a conduta pessoal, as mais básicas rotinas de consumo - uma preocupação por valor do dinheiro, qualidade, e assim por diante - podem ser entendidas como os pressupostos de um conjunto de competências éticas específicas aprendidas. Estas competências compõem o que se poderia chamar de dimensões habituais e práticas dos atos de consumo (BARNET *et al.* 2005, p.10).

preocupações com o tipo de alimentos adquiridos para o consumo familiar parece indicar uma aproximação da perspectiva de Miller (2002) que considera que os atos corriqueiros de consumo são em sua maioria guiados moralmente. De acordo com este autor as compras rotineiras expressariam atos de devoção e preocupação, principalmente com os familiares, assim, nestes atos as pessoas orientariam suas escolhas a partir dos ideais que elas desejariam se dedicar.

Nestes termos, o cuidado e a preocupação com a busca de alimentos considerados “naturais” pode relacionar-se também com o desenvolvimento moderno que toca à produção de alimentos, principalmente como é o caso da percepção dos riscos provenientes da utilização de agro-tóxicos. Esta percepção faz parte das justificações que dizem respeito à ética do cuidado, contudo, parece que no caso brasileiro, diferentemente do cenário europeu, investigado por Halkier e Holm (2008), as preocupações com os riscos potenciais do consumo de produtos agro-alimentares contendo agrotóxicos não são diretamente relacionados às questões políticas no contexto do sul do Brasil. Desta maneira, em poucos depoimentos é possível verificar esta conexão, o que deixa mais evidente a especificidade das práticas de consumo alternativo focalizadas, que sobre este enfoque são em maior escala relacionados aos cuidados familiares e em escala menor com a questão ambiental.

Por fim, cabe frisar, que as justificações dos atores em questão sobre o cuidado com a saúde em sua maior parte estão amalgamadas com a noção de cuidado na esfera das relações domésticas, dito de outro modo, parecem exceções as justificações sobre o cuidado com a saúde em termos individuais. Desta forma, se reafirma aqui o lugar central ocupado pela noção de cuidado de acento familístico nas gramáticas de consumo no cenário do sul do Brasil, que por sua vez são orientadas por valores configurados socialmente que informam aos atores determinadas balizas éticas a seguir em suas compras. Em virtude disso, cabe também ressaltar que muito longe de uma racionalidade movida pela lógica do custo benefício, a ética do cuidado orienta as práticas e discursos na feira em questão a partir de uma lógica presidida pela atenção e cuidado com o grupo primário.

4 - Referências Bibliográficas

- BARBOSA, L. **Tendências da alimentação contemporânea**. In: PINTO, M; & PACHECO, J. Juventude, consumo & educação. Porto Alegre: ESPM, 2009.
- BARNETT, C; CLOKE, P., CLARKE, N ; MALPASS, A. **Consuming ethics**: articulating the subjects and spaces of ethical consumption. *Antipode* 37 (1), 23–45., 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRAUDEL, F. **Gramática das civilizações**. São Paulo: Martins Fontes. 2004.
- BOLTANSKI, L ; THÉVENOT, L. **De la justification**: les économies de la grandeur. Paris: Gallimard, 1991.
- CASTAÑEDA, M. **Ambientalização e politização do consumo e da vida cotidiana**: uma etnografia das

- práticas de compra de alimentos orgânicos em Nova Friburgo/RJ. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, and Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2010.
- COLOMÉ, F. L. **Gramáticas do consumo**: eticidade e engajamento político no sul do Brasil. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2013.
- CLARKE, N; CLOKE, P; BARNETT, C; MALPASS, A. **The spaces and ethics of organic food**. IN *Journal of Rural Studies* 24 (2008) 219–230.
- DORLIN, Elsa. *Dark care. De la servitude à la sollicitude*. In: PAPERMAN, Patrícia et LAUGIER, Sandra (Dir.). *Le souci des autres*. Éthique et politique du *care*. Paris: Éditions de L’EHESS, 2011, p.119-127.
- FRIEDMAN, Marilyn. **Au-delà du care: dé-moraliser le genre**. In: PAPERMAN, Patrícia et LAUGIER, Sandra (Dir.). *Le souci des autres*. Éthique et politique du *care*. Paris: Éditions de L’EHESS, 2011, p.79-101.
- GARRAU, Marie. **Le care est-il soluble dans la non-domination?** In: GARRAU, Marie et LE GOFF, Alice (Dir.). *Politiser le care? Perspectives sociologiques et philosophiques*. Lormont: Éditions Le Bord de L’Eau, 2012, p.115-132.
- GENDRON, C; BISAILLON, V; OTERO, A. **The Institutionalization of Fair Trade**: More than a Degraded Form of Social Action. In *Les cahiers de la Chaire – collection recherche N. 12*, 2006.
- GILLIGAN, C. **Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- GOODMAN, M, K. (2004). **Reading fair trade**: political ecological imaginary and the moral economy of fair trade foods. In *Political Geography* 23, pp. 891–915, 2004.
- GUIVANT, J. **Riscos alimentares**: novos desafios para a sociologia ambiental e a teoria social. In, *Desenvolvimento e meio ambiente*, n.5p. 89-99, jan-jun, 2002. Ed UFPR.
- HABER, S. **Éthique du care et problématique féministe dans la discussion américaine actuelle**. De C. Gilligan à J. Tronto. In: PAPERMAN, Patrícia et LAUGIER, Sandra (Dir.). *Le souci des autres*. Éthique et politique du *care*. Paris: Éditions de L’EHESS, 2011, p.187-208.
- HALL, S, M. **Exploring the ‘ethical everyday’**: An ethnography of the ethics of family consumption. In *Geoforum* 42 (2011) 627–637.
- HALKIER, B. **Consequences of the politicization of consumption**: the example of environmentally friendly consumption practices. in *Journal of Environmental Policy and Planning*. pp.25-41., 1999.
- _____; HOLM, L. **Food consumption and political agency**: on concerns and practices among Danish consumers. IN *International Journal of Consumer Studies* 32 (2008) 667–674.
- HILTON, M. **Consumerism in Twentieth-century Britain**: the search for a historical movement. Cambridge, Cambridge university press, 2003.

- HONNETH, A (1992). **La lutte pour la reconnaissance**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2003.
- JOHNSTON, J; SZABO, M; RODNEY, A. **Good food, good people**: Understanding the cultural repertoire of ethical eating. IN, *Journal of Consumer Culture*, N.11(3) 293–318, 2011.
- KJAERNES, U; HARVEY, M; WARDE, A. **Trust in food**: a comparative and institutional analysis. London: Palgrave, 2006.
- LEMIEUX, C. **Le devoir et la grâce**. Paris: Economica, 2009.
- LE VELLY, R. **Le commerce équitable** : des échanges marchands contre le marché et dans le marché. Thesis, Université de Nantes, Nantes, 328 p. 2004.
- LITTLER, J. **Radical consumption**: shopping for change in contemporary culture. New York, Open University press, 2009.
- MENASCHE, R. **Risco à Mesa**: Alimentos Transgênicos, No Meu Prato Não?. IN revista *Campos* 5(1):111-129, 2004.
- _____. **Campo e cidade, comida e imaginário**: percepções do rural à mesa. *Ruris I*, volume 3, número 2- agosto 09- fevereiro 2010.
- MICHELETTI, M. **Consumer Choice as Political Participation**. *Statsvetenskaplig Tidskrift*, årg 105 nr 3 s 218-234 , 2002.
- _____. **Political virtue and shopping**: individuals, consumerism, and collective action. New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- MILLER, D. **Teoria das compras**: o que orienta as escolhas dos consumidores. São Paulo, Nobel, 2002.
- MUCHNIK, J. Identidad territorial y calidad de los alimentos: os procesos de calificación y competencias de los consumidores. *Agroalimentaria*, Mérida, v. 11, n. 22, p. 89-98, 2006.
- MURDOCH, J., MIELE, M. ‘**Back to nature**’: changing ‘worlds of production’ in the food sector’. *Sociologia Ruralis* 39 (4), 465–483., 1999.
- PATERSON, M. **Consumption and everyday life**. New York: Routledge, 2006.
- PORTILHO, F. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. **Sociabilidade, confiança e consumo na feira de produtos orgânicos**. In: BARBOSA, Livia, PORTILHO, Fátima & VELOSO, Letícia. *Consumo: cosmologias e sociabilidades*. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica: EDUR, 2009.
- _____; CASTAÑEDA, M; CASTRO, I. **A alimentação no contexto contemporâneo**: consumo, ação política e sustentabilidade. In *Ciências e saúde coletiva*, 16 (1):99- 106, 2011.
- SASSATELLI, R. **Virtue, responsibility and consumer choice**. Framing critical consumerism’, in J. Brewer, and F. Trentmann (eds) *Consuming Cultures, Global Perspectives. Historical Trajectories, Transnational Exchanges*, Oxford: Berg ,2006.
- _____. **Consumer culture**. History, theory and politics. London: Sage, 2007.
- _____. **The political morality of food**: discourses, contestation and alternative consumption. In: HARVEY, M. et al. *Qualities of food*. UK: Manchester University Press, p.176-207, 2004

- _____ ; DAVOLIO, F. **Consumption, Pleasure and Politics** : Slow Food and the politico-aesthetic problematization of food. *Journal of Consumer Culture* 10(2), 2010.
- SAYER, A. '(De)commodification, consumer culture, and moral economy'. IN *Environment and Planning D; Society and Space* 21: 341-357., 2003.
- SORENSEN, M. **Liberal Democratic Society and Political Consumerism**: a Problematic Combination. In *Political Consumerism: Its motivations, power, and conditions in the Nordic countries and elsewhere. Proceedings from the 2nd International Seminar on Political Consumerism, Oslo August 26-29, 2005.*
- SPAARGAREM, G ; OOSTERVEER, P. **Citizen-Consumers as Agents of Change in Globalizing Modernity**: The Case of Sustainable Consumption. In *Sustainability* 2010, 2, 1887-1908; doi:10.3390/su2071887.
- THOMAS, L. **Religion, consumerism and sustainability**: paradise lost? London: Palgrave, 2011.
- TRONTO, J, C. **Un monde vulnérable: pour une politique du care**. Paris: La Découverte, 2009.
- _____. Au-delà d'une différence de genre. Vers une théorie du care. *In*: PAPERMAN, Patrícia et LAUGIER, Sandra (Dir.). *Le souci des autres. Éthique et politique du care*. Paris: Éditions de L'EHESS, 2011, p.51-77.
- WARDE, A. **Consumption and theories of practice**. In *Journal of Consumer Culture*, 5 (2): 131–53, 2005.
- WILK, R. **Consuming Morality**. In *Journal of Consumer Culture*. 1: 245, 2001.